

THE PEOPLE'S REPUBLIC OF WALMART: HOW THE WORLD'S BIGGEST CORPORATIONS ARE LAYING THE FOUNDATION FOR SOCIALISM

PHILLIPS, Leigh; ROZWORSKI, Michal. London: Verso, 2019, 257 p.

Recebido em 03/03/2024

Aprovado em 15/05/2024

DOI: 10.69585/2595-6892.2024.1112

TARIK DIASHAMDAN

Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorando em Sociologia na mesma instituição

Email: hamdan.tarik@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8662-396X>

FERNANDO LÓPEZ RANGEL

Mestrando em Direito Internacional na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Email: flr98@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-8759-6047>

RODRIGO BRAGA GASTALDO

Mestrando em Entomologia na Universidade Federal de Viçosa

Email: rodrigo.gastaldo@ufv.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9664-5695>

Mercado e planejamento: os destinos do capitalismo e do socialismo

Publicada em 2019, *The People's Republic of Walmart*, de Leigh Phillips e Michal Rozworski, constitui um esforço interdisciplinar para examinar criticamente o capitalismo e propor alternativas vinculadas ao socialismo democrático. Esta obra é emblemática do comprometimento dos autores com a análise marxista da economia política, e surge em um contexto em que o interesse acadêmico por alternativas ao neoliberalismo ganhou destaque, particularmente em resposta à crise financeira de 2008.

O objetivo do livro é oferecer aos leitores uma perspectiva renovada sobre a análise do modo de produção capitalista e um novo olhar sobre o socialismo. Desafiando a dicotomia tradicional entre “mercado”, como algo característico das sociedades capitalistas, e “planejamento”, associado às sociedades socialistas, os autores propõem uma visão na qual os elementos de planejamento são identificáveis na sociedade capitalista contemporânea.

O livro, com 11 capítulos, divide-se em três partes: a primeira aborda a importância das grandes corporações como modelos de planejamento em sociedades capitalistas; a segunda analisa criticamente as experiências socialistas, especialmente na União Soviética e na então Iugoslávia, focando nos sucessos e falhas do planejamento; a última seção investiga casos menos conhecidos, como o planejamento econômico no Chile sob Allende,

sugerindo que tais exemplos podem oferecer abordagens alternativas de planejamento e aumentar a participação popular na gestão econômica.

A seção inicial começa com uma explicação sobre as características da teoria liberal. Para os defensores dessa corrente, o sistema de preços no livre mercado gerencia de forma mais precisa as informações de uma sociedade complexa. Nesse tipo ideal, ofertantes e demandantes trocam produtos por seu equivalente monetário. Além disso, todos os agentes atuam individualmente, não recorrendo a organizações coletivas e sendo submetidos a uma ampla concorrência. Por conseguinte, o lucro é o principal motivador para definir a distribuição de recursos. Por consequência, haveria uma impossibilidade de construir um sistema planejado de alocação de recursos, seja ele na sociedade capitalista, seja na socialista.

Por outro lado, diferentemente do proposto pela ortodoxia liberal, a empiria revela que a dinâmica do modo de produção capitalista, representada pela atuação de grandes corporações, cria formas de alocação opostas às do livre mercado, sendo cada vez mais apoiada pelo planejamento. Por planejamento, referimo-nos a uma forma de alocação na qual princípios não econômicos atuam para determinar o que é produzido e compartilhado. Neste sentido, os agentes, para além de se organizarem coletivamente, não estão submetidos à concorrência, sendo a cooperação um elemento central da coordenação entre os indivíduos.

Os autores, então, introduzem o Walmart como um modelo que exemplifica o êxito do planejamento econômico realizado pelas grandes corporações capitalistas, triunfo atribuído à combinação eficaz de planejamento e tecnologia. Desta forma, através desses dois elementos, a empresa é capaz de coordenar sua vasta rede de armazéns e fornecedores, cuja quantidade de informação e capacidade de processamento necessários aparentava impossível outrora.

Mesmo que o modelo planejado das firmas esboçadas tenha sido superior às que adotaram o livre mercado em seu funcionamento interno, os autores defendem que as mesmas possuem formas autoritárias de

organização – constituindo “ilhas de tirania” (p. 47) – e procuram explorar os trabalhadores, tendo em vista acumular lucro que é redirecionado aos proprietários das firmas. Dessa maneira, seria necessário adaptar o planejamento utilizado pelas grandes corporações a uma finalidade democrática e igualitária, abrindo caminho para uma sociedade emancipada. Finalmente, os autores demonstram outros elementos de planejamento no capitalismo.

Na seção dedicada à análise das experiências socialistas, o livro revisita os casos da então União Soviética e da então Iugoslávia. No contexto soviético, os autores argumentam que a principal falha do sistema de planejamento residia na sua excessiva centralização, o que, por sua vez, gerava um modelo autoritário de gestão. Essa centralização excessiva levaria à degradação da qualidade e eficiência da informação, destacando a ineficácia dos sistemas centralizados de gerenciamento de informações. Em uma crítica direta aos economistas da Escola Austríaca, os autores invertem a noção tradicional de que a degradação da informação em sistemas sociais conduz ao autoritarismo. Para eles, é o autoritarismo que resulta na diminuição da capacidade de processamento e transformação da informação.

Historicamente, o planejamento centralizado na União Soviética surgiu como uma necessidade imposta pelas circunstâncias históricas adversas, como a guerra civil, atos de sabotagem e escassez subsequente à revolução bolchevique. Ilustrando esse processo, destaca-se a implementação do comunismo de guerra, onde o comércio exterior, a distribuição de alimentos e outras funções essenciais foram controlados pelo Estado. Na indústria, sob influência do sistema taylorista, Lenin introduziu o “*one-man management*”, centralizando o poder decisório nas mãos dos gerentes, em detrimento dos conselhos de fábrica.

A apoteose da centralização na União Soviética, subsequente à morte de Lenin, culminou com a ascensão de Stalin ao poder em 1928, marcando um período de intensa coletivização das terras agrícolas e diminuição da remuneração camponesa para fomentar a industrialização acelerada. Esta estratégia almejava o financiamento da expansão industrial soviética através da

venda de produtos agrícolas. Além disso, a centralização foi caracterizada pela repressão aos trabalhadores e opositores políticos, especialmente evidenciada pelos grandes expurgos de 1936, conforme indicado pelos autores. Uma consequência direta dessas medidas foi a deterioração da confiança, essencial para a geração de informações eficientes e confiáveis. A cultura de medo e vigilância, instaurada pelos expurgos, comprometeu de maneira significativa a habilidade de indivíduos e instituições de transmitir informações precisas e benéficas, vital para a operacionalidade eficaz de um sistema planejado.

O segundo caso estudado é o da Iugoslávia, proponentes do socialismo de mercado. Segundo os fundadores do sistema iugoslavo, embora o capitalismo dependa intrinsecamente do mercado para a alocação de recursos, é possível conceber um mercado sem a presença do capitalismo. Neste contexto, apesar da ausência de propriedade privada da indústria, a alocação de recursos ocorre através de mecanismos de mercado. Os trabalhadores, em tal sistema, administram suas próprias empresas sob a forma de cooperativas competitivas, que buscam vender seus produtos, prosperar, expandir ou, alternativamente, enfrentar o fracasso.

A adoção deste modelo tem como objetivo mitigar a burocracia e a hipercentralização características do modelo soviético, ao mesmo tempo que busca abolir a classe detentora dos meios de produção. Contudo, os autores identificam e discutem diversos problemas inerentes ao socialismo de mercado. Para Phillips e Rozworski, um desses problemas é que, neste sistema, as empresas atuam de forma atomizada, tendo em vista produzir bens que são lucrativos e que permitam a sobrevivência das unidades produtivas, o que pode levar a uma “anarquia de mercado” com problemas análogos aos encontrados no capitalismo. A expansão das forças de mercado acarretou um aumento da competição entre as empresas, o que pode resultar em disparidades significativas entre trabalhadores qualificados, diferentes locais de trabalho, setores e, principalmente, regiões, gerando uma hierarquia onde

algumas fábricas são superiores a outras. Adicionalmente, questões como superprodução e subprodução são problemas potenciais neste modelo.

Na última seção do livro, os autores relatam a necessidade de aprender com o fracasso das experiências socialistas anteriores e esboçam algumas características que uma futura experiência socialista deveria apresentar. Assim, declaram a importância da democracia e participação popular como parte integrante do processo. Para isso, os autores contrapõem as experiências soviética e iugoslava com o caso chileno por meio do socialismo democraticamente eleito sob a administração de Allende. Distinta desses dois tipos, a experiência chilena de uma revolução constitucionalmente democrática representa para os autores uma possível rota revolucionária pouco estudada e precocemente interrompida. O texto então se aprofunda no Cybersyn (*Proyecto Synco*)¹, projeto de desenvolvimento de uma rede de gestão eletrônica da economia chilena de planejamento em nível nacional, contando com a capacidade computacional da década de 1970, décadas antes do estabelecimento da internet ou concepção de outra rede de informações similar.

Por meio dessa experiência, é explorado o potencial de uma conexão em rede entre a produção fabril e a demanda local mediada por um governo democrático, demonstrando seu potencial frente às críticas ao planejamento da Escola Austríaca previamente estabelecidas. Com a Cybersyn atuando integralmente, é argumentado que o planejamento aconteceria em tempo real mediante atualizações instantâneas das diferentes regiões do país, como condições de estrada, distribuição e disponibilidade de bens e serviços. Concluindo a exploração histórica da experiência chilena, os autores descrevem brevemente o golpe militar de 1973 e os efeitos do fim da Cybersyn para o planejamento governamental, levando, por fim, ao domínio ideológico neoliberal e sua fé no livre mercado.

¹ Com base na história da idealização e execução da Cybersyn, os autores exploram a conceitualização da cibernética como área de estudo, se atendo às ideias e ações de Stafford Beer no projeto chileno e às teorias de autores da área como Pelikán e Kýn.

No capítulo final, os autores expõem ainda que futuras experiências socialistas devem ser construídas em conjunto com a ideia do antropoceno, era geológica atual na qual os processos naturais e biológicos são direcionados mediante as ações humanas. Faz-se então a distinção entre dois futuros possíveis, o “antropoceno bom” e o “antropoceno ruim”. O antropoceno ruim seria dado pelas mudanças climáticas irreversíveis e, por conseguinte, uma maior ameaça à espécie humana, enquanto o primeiro é caracterizado por uma recuperação da interação harmônica entre humanos e não humanos.

Para Phillips e Rozworski, o modo de produção capitalista está fadado ao “antropoceno ruim”, dado que submetido aos interesses particulares dos indivíduos e à geração do lucro. Frisando a incompatibilidade entre o capitalismo e o desenvolvimento de tecnologias úteis para a humanidade como um todo, rematam a seção com o argumento de que um futuro globalmente planejado é a única alternativa para a garantia do desejável “antropoceno bom”.

Finalizamos esta resenha ressaltando os méritos do livro, que desfaz a dicotomia entre planejamento e mercado, mostrando a evolução do capitalismo para formas híbridas com planejamento integrado, alinhando-se à tradição de teóricos como List (2022), Gerschenkron (2015) e Chang (2003). O livro é relevante para analisar desafios e êxitos de experiências socialistas, propondo a combinação de socialismo e democracia e enfatizando a importância da participação popular no planejamento e alocação em sistemas socialistas.

Referências

- CHANG, Há-Joon. *Chutando a escada: A estratégia do desenvolvimento em perspectiva histórica*. 1. ed. Tradução de Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- GERSCHENKRON, Alexander. *O atraso econômico em perspectiva histórica e outros ensaios*. 1. ed. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- LIST, Friedrich. *The National System of Political Economy*. 1. ed. Tradução de Sampson Lloyd. London: Imperium Press, 2022.